



**AS MATRIARCAS DO MULUNGU E AS VOZES DO SABER: O REZAR E O FESTAR
NA COMUNIDADE NEGRA RURAL DO MULUNGU**

Maria Eunice Rosa de Jesus¹

Estudar a religiosidade popular na comunidade negra rural do Mulungu e as práticas de sociabilidade desenvolvidas pelas mulheres para a manutenção e afirmação das suas festividades se explica por esse tema se constituir em um campo rico para a compreensão dos diferentes lugares de saber e de produção de identidades. O principal objetivo é compreender em que medida as redes de sociabilidade construídas no cotidiano da comunidade são responsáveis pela manutenção e preservação de duas festas religiosas do Mulungu. A pesquisa etnográfica é a nossa escolha metodológica, uma vez que parece ser o caminho que melhor traduz a rotina diária e os eventos especiais que nos levam a uma compreensão das redes de significações entre as manifestações culturais, as festividades, os modos de viver, o perceber e o imaginar que são partilhados pelo indivíduo e com seu grupo social.

Nas comunidades negras rurais e demais localidades pertencentes à região geográfica da Chapada Diamantina, na Bahia, mais precisamente, a comunidade do Mulungu, localizada no município de Boninal e no seu entorno, a Festa de Reis, também conhecida como Terno de Reis ou Reisado, foi e, ainda hoje, é para muitos devotos, moradores e visitantes ‘uma festa’ ‘uma forma de oração’, ‘uma religião’. A religiosidade permeia a concepção da festa quando o Jiro do Reis de São Sebastião do Mulungu, liderado por mulheres, chega às mais diversas localidades cantando o nascimento do Menino Jesus, louvando os Santos padroeiros, protetores e guardiões das localidades. Portanto, o Jiro do Reis do Mulungu pode ser entendido como um sistema de dádivas entre os homens, os santos e a fé na comunidade negra rural do Mulungu² e demais comunidades

1 Professora Assistente da Universidade do Estado da Bahia/ DCH – CAMPUS V – UNEB. Pesquisadora do Núcleo de Estudos Africanos e Afrobrasileiros em Línguas e Culturas – NGEALC. Doutora em Educação e Contemporaneidade – PPGEduc – Departamento de Educação – CAMPUS I, Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Endereço eletrônico: eunicerosa2@gmail.com

2 Distanto apenas quatro quilômetros da zona urbana do município de Boninal, localizado na Chapada Diamantina, na Bahia, a comunidade do Mulungu é constituída por aproximadamente 547 (quinhentos e setenta e quatro) habitantes, distribuídos em 134 (cento e trinta e quatro) famílias as quais residem em 170 casas. Esses moradores marcaram e marcam o lugar onde habitam, uma vez que mantêm viva a tradição religiosa baseada no catolicismo popular, tendo as festas em louvor a São Sebastião e a de Santo Reis como as mais representativas da localidade que atualmente está sob a liderança feminina. Além disso, cultivam uma forte identificação entre seus membros, permitindo-nos depreender que a organização comunitária se baseia na estrutura da família solidária



circunvizinhas que partilham do mesmo sentimento devocional e religioso.

Neste sentido, o Jiro do Reis do Mulungu é compreendido como o principal mecanismo gerenciador da Festa de São Sebastião através dos dispositivos religiosos, da economia de autogestão da festa. Através das redes de sociabilidade e solidariedade entre os/as festeiros/as, os/as promesseiros/promesseiras, os visitantes e devotos, ao longo de quatro décadas aproximadamente, o Reis do Mulungu, liderado por mulheres pôde sair em seu Jiro, nas comunidades circunvizinhas com o propósito de pagar uma promessa, bem como anunciar a festa em louvor a São Sebastião – protetor e guardião da comunidade do Mulungu. Logo, o Jiro do Reis e a festa em louvor a São Sebastião constitui-se o lugar de reunir, congregar muitas pessoas as quais estão em constante movimento quando rezam, dançam e cantam no espaço sagrado da casa, afirmando a identidade de um grupo, uma comunidade, bem como contribuindo para a produção de uma grande quantidade de *energia*, que é redistribuída para todos os participantes num processo de metamorfose ao longo do tempo. Assim, busquei compreender o Jiro do Reis e a festa em louvor a São Sebastião como uma prática cultural que reestabelece o encontro e a fé, reforçando o pertencimento a uma religião quando os sujeitos se unem para celebrar a vida e os Santos.

A solidariedade entre as reiseiras, os/as festeiros/as, os/as promesseiros/promesseiras, os visitantes e os devotos possibilita a afirmação da identidade da comunidade, bem como contribui para a produção de uma grande quantidade de energia, que é redistribuída por todos os participantes num processo de metamorfose ao longo do tempo. As mulheres do Mulungu, representando as mulheres negras, nas suas diferentes atribuições cotidianas de ser mãe, dona-de-casa, trabalhadora rural, têm forte compromisso com a comunidade e estão preocupadas em manter viva e atuante as marcas da cultura de um povo, vivenciadas e transmitidas através de suas festividades.

Utilizo o vocábulo Jiro com esta grafia, pois no ritual de visitaàs casas e comunidades pelo Reis de São Sebastião, o referido vocábulo não se refere ao termo deverbal girar - rodar do Português. Aqui o vocábulo Jiro, termo *banto* deverbal de *Kujila*, traz uma conotação de cunho religioso, cujo significado é um ato de louvar, rezar, abrir caminhos para festejar, glorificar Santo Reis e São Sebastião³, bem como ativar a festa católica no espaço intra e intercomunidades em louvor a São Sebastião – Santo guardião e protetor da comunidade do Mulungu. Ademais, o

onde há um vínculo de parentesco e, por isso, todos se conhecem e se ajudam mutuamente. Neste sentido, a vida coletiva em torno da comunidade é assegurada, sobretudo, a partir da transmissão dos conhecimentos tradicionais em defesa da religiosidade católica e a importância da família como valores fundamentais para a continuidade e de produção de identidades (Informações disponíveis no PFS II (Programa de Saúde da Família). Agente comunitária: Alessandra Santos. Secretaria de Saúde no município de Boninal - Bahia, janeiro de 2015).

3 Pessoa de Castro define a palavra Jiro como termo banto deverbal de *Kujila*, cujos significados são rezar, orar, festejar os deuses (PESSOA DE CASTRO, 2001).



topônimo Mulungu que nomeia a comunidade é um termo banto, oriundo da língua *quicongo*, que significa uma espécie de zingoma que produz sons retumbantes. Daí ser possível afirmar que as palavras Jiro e Mulungu são de origem banto, pois na composição demográfica da zona rural brasileira em que a Chapada Diamantina faz parte, há uma prevalência de uma população negra majoritariamente originária dos reinos do Kongo e do Ndongo – atual Angola (PESSOA DE CASTRO, 2001).

Cantar Reis em louvor ao nascimento do Menino Jesus, para Santo Reis e São Sebastião pelo grupo de Reis do Mulungu, no município de Boninal, na Bahia e região do entorno, é uma atividade poético-religiosa e, sobretudo, rural, pois os rituais de andanças acontecem nas mais diversas localidades e são marcadas pela presença das reiseiras, dos devotos e foliões católicos que veem nos Santos uma fonte de proteção e intersecção para alcançarem os pedidos/promessas e a resolução dos seus mais diversos problemas.

Por isso, o rezar e o festar faz parte do modo de vida da comunidade negra rural do Mulungu, situada na região da Chapada Diamantina, na Bahia. Desta maneira, apresentando os atos de rezar e de festejar/celebrar como mecanismos importantes no cotidiano desta comunidade, como um lugar gerador de sentidos para os moradores, pois é no rezar e louvar aos Santos e no festar – celebrar a vida que os laços de parentesco, de vizinhança e de solidariedade são constantemente reestabelecidos.

Neste sentido, o modo de conduzir o ritual do Jirode Reis e as celebrações em louvor a São Sebastião deve ser visto como elemento essencial na condução e permanência dessas festividades como parte fundante da cultura da comunidade, sendo uma das maiores de cunho festivo-devocional do município de Boninal, na Bahia. Para um melhor entendimento do valor simbólico que o rezar e o festar têm para a comunidade negra rural do Mulungu, faz-se necessário compreender que *rezar* tem sua origem no latim *recitare, por via popular*. Já o termo *festar* deriva do vocábulo festa, festejar, cujo significado é *divertir-se na festa, foliar*. Na própria polissemia dos vocábulos **rezar** e **festar** já se têm indicações das dimensões que as festas como mecanismos de celebração da vida, do encontro constituem um ‘modo de vida’ ou até mesmo um ‘mundo festivo’, pois o ato de rezar e festar – festejar se faz presentes desde o surgimento do homem na sua condição de ser social.

Assim, a atuação feminina na condução das festas católicas da referida comunidade torna-se essencial para a manutenção das festividades, do cotidiano e da família, por isso, as experiências de vida dos sujeitos privilegiados, ou seja, as mulheres as quais assumem um lugar de liderança no contexto da festa são tomadas aqui como representação de si e de seu entorno, uma vez que recuperam no tempo presente aspectos de suas vidas contadas como lugar de construção do sujeito possuidor de saberes. Com isso, a pesquisa



Etnográfica foi a minha escolha metodológica, uma vez que parece ser o caminho que melhor traduz a rotina diária e os eventos especiais que nos levam a uma compreensão das redes de significações do real entre as festividades, as crenças, os modos de viver que são partilhados pelo sujeito e com seu grupo social. Deste modo, espero, a partir desta pesquisa, contribuir para o reconhecimento e importância que as manifestações religiosas têm para as comunidades negras rurais, bem como a participação das mulheres como guardiãs de saberes locais indispensáveis na formação sociocultural do lugar, pois as *Mulheres do Mulungu*, representando as mulheres negras nas suas diferentes atribuições cotidianas de ser mãe, dona-de-casa, trabalhadora rural, doméstica as quais fizeram parte do universo desta pesquisa, quando donas do próprio discurso, elas se revelam pelos laços de parentesco e de solidariedade. Além disso, elas se identificam pelo forte compromisso que têm com a comunidade, preocupadas em manter viva e atuante as marcas da cultura de um povo vivenciadas e transmitidas através de suas festividades.

Palavras-chave: Mulheres negras. Jiro do Reis. Catolicismo rural. Festividades. Comunidade negra rural.

REFÊRENCIA

PESSOA DE CASTRO. **Falares africanos na Bahia:** Um Vocabulário Afro-Brasileiro. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras/ Topbooks Editora, 2001.